



O ENFRENTAMENTO DE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM EM MATEMÁTICA REMEMORADOS POR PROFESSORES

Katiuce da Silva B. F. de Moraes
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: ksbfmoraes@gmail.com

Tânia Cristina R. Silva Gusmão
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: professorataniagusmao@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta parte de uma pesquisa de mestrado que analisa o processo de enfrentamento de dificuldade de aprendizagem em matemática com base em relatos de professores dos anos iniciais a respeito de suas experiências quando alunos. De acordo com Utsumi e Lima (2008), é comum que na história de formação de muitos desses profissionais, a motivação para escolha de um curso de graduação leve em conta a menor exigência de conhecimentos matemáticos pelo fato de que eles têm um histórico de dificuldade em matemática. Diante disso, buscamos identificar os mecanismos de enfrentamento das dificuldades em matemática rememoradas por professores dos anos iniciais, que foram utilizados em suas trajetórias quando eram alunos. Entendemos que um estudo dessa natureza justifica-se por sua importância em um contexto onde as dificuldades são construídas nas relações que o aluno estabelece em seu contato com a matemática, no seu entorno social e nas suas construções emocionais e afetivas.

Para atender a proposta do estudo evocamos, a memória episódica a fim de perceber como se deu o enfrentamento, na voz dos sujeitos, e qual a percepção que eles têm do próprio enfrentamento e dos mecanismos que possam ter contribuído ou não com a superação de dificuldades. Segundo Mourão e Júnior Melo (2011) a memória episódica pode ser recorrida por meio dos relatos e analisada sob as condições de estarem relacionadas a um determinado momento no tempo, onde estão gravados experiências marcantes ou episódios relevantes de infância. De acordo com Carmo e Simionato (2012), muitas dificuldades de aprendizagem em matemática são originadas na história escolar dos indivíduos, quando esta abarca experiências negativas no processo de aprender matemática. Dessa forma, o insucesso escolar constitui-se como um indicativo de



vulnerabilidade e exposição da criança a riscos no desenvolvimento socioafetivo e capacidade produtiva (MAZZER, BELLO, BAZON, 2009; RUTTER, 1985). Assim, os resultados que as crianças recebem no ambiente escolar contribuem para a percepção que elas constroem sobre si mesmas, e podem ocasionar problemas psicossociais. Para Rutter (1985), é necessário que haja associação de fatores de proteção, ou seja, influências que melhoram as respostas pessoais e modificam o sentido das experiências promovendo uma forma adaptada da ação diante de circunstâncias negativas. Diante disso, consideramos para abordagem do objeto de estudo o referencial da Resiliência, segundo o qual um conjunto de fatores de proteção acessados por um indivíduo em dificuldade, pode favorecer a sua adaptação, saúde emocional e mudança de resposta (CYRULNIK, 2004).

METODOLOGIA

Nossa pesquisa se caracteriza por uma abordagem qualitativa (FLICK, 2004). Para atender a proposta do estudo, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas a 04 professores que ensinam matemática nos anos iniciais do ensino fundamental em escolas municipais de Jequié, Bahia, que previamente afirmaram possuir um histórico de enfrentamento de Dificuldade de Aprendizagem em matemática quando ainda eram estudantes da educação básica. Nesse sentido, buscamos identificar eventos substanciais na história dos indivíduos, que indicassem componentes geradores de estados emocionais e cognitivos que pudessem relacionar-se as suas dificuldades em matemática. Os relatos foram transcritos e agrupados para análise. Utilizamos o lineamento teórico construído na revisão de literatura sobre resiliência e processos de enfrentamento de dificuldades de aprendizagem em matemática para categorização dos dados obtidos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados apontaram que os participantes atribuem as suas dificuldades à ineficiência do método de apresentação da matemática e a dissociação do ensino com situações reais. Os fatores relacionados com maior ênfase nas memórias relatadas foi a forma de ensinar matemática que incluía métodos de memorização, padrões para resolução de problemas e falta de liberdade para o raciocínio que lhes privava de expandir a capacidade de desenvolver princípios lógicos para resolver questões matemáticas. Nesse contexto, e conforme definido por Poletto e Koller (2008), os eventos percebidos

como negativos podem ser classificados como fatores de risco e a ocorrência desses eventos quando aliados à obtenção de ajuda na trajetória de enfrentamento pode favorecer o comportamento resiliente.

Os resultados apontaram como fatores de proteção mais relevantes os métodos pessoais motivados pela autoexigência de desafios e superação, o apoio encontrado na família ou em um determinado professor de matemática, que normalmente se destacava entre os demais. Em conformidade com Infante (2005), quando este afirma que a resiliência é também uma habilidade de transformação de situações desfavoráveis em oportunidades de crescimento, os achados na pesquisa mostram que o acesso a fatores protetivos melhora as respostas ao enfrentamento e promovem adaptação e resiliência. Ao catalogar os fatores de proteção relacionados pelos professores, tivemos a indicação dos seguintes fatores de resiliência:

Quadro: Fatores de proteção indicados pelos sujeitos da pesquisa

Fator	Descrição
Figura do professor	Retrata seu papel e importância como incentivador.
Imposição de desafios	Trata-se de estímulos pessoais dos participantes para as tentativas de superação das próprias limitações.
Experiências formativas	Diz-se das vivências promovidas fora do contexto como estudantes, e que proporcionaram crescimento pessoal e aprendizagem e desenvolvimento de habilidades matemáticas.
Prática docente	Refere-se a atividade atual que exercem como docentes que ensinam matemática nos anos iniciais.
Apoio de um familiar	Descreve a ajuda recebida dos pais, avós ou outro familiar.

Fonte: Dados da pesquisa.

Os participantes da pesquisa consideraram como fatores de resiliência alguns tipos de proteção que lhes foram disponibilizados durante o processo de dificuldade e serviram como mecanismos de enfrentamento. As estratégias que apareceram em maior relevância nas análises dos dados estavam relacionadas à métodos pessoais, ajuda de familiares ou do professor. Essas informações condizem com a literatura sobre resiliência que indica



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

que os fatores de proteção estão ligados ao indivíduo, a família ou a comunidade (WERNER, 1983)

CONCLUSÕES

O propósito desta pesquisa foi o de responder como ocorre o enfrentamento das dificuldades de aprendizagem em matemática, partindo dos relatos e memórias de professores dos anos iniciais que tiveram esse histórico em sua trajetória, quando estudantes. Os participantes referenciados neste estudo associaram, em grande parte de suas memórias, os métodos de ensino utilizados por seus professores no ensino da matemática. Os fatores de proteção advindos do desenvolvimento de estratégias pessoais foram catalogados como experiências formativas, imposição de desafios a si mesmos e posteriormente a experiência de ensinar matemática para outras crianças. O apoio de algum membro da família também foi mencionado por todos os entrevistados.

Na percepção dos sujeitos da pesquisa, o resultado do enfrentamento foi de adaptação, por conseguinte, houve o reconhecimento de terem sido resilientes. Essa superação, entretanto, não teve como significado o rompimento da dificuldade instaurada na infância, mas aludiu sobretudo a reelaboração de percepção sobre a matemática e a de um autoconceito positivo sobre a própria capacidade para aprendê-la. A contribuição deste estudo está em promover o debate sobre o ensino da matemática nas escolas bem como discutir sobre a necessidade de propor indicações de programas de redução e prevenção dessas Dificuldades de Aprendizagem. Foi também importante a perspectiva do enfrentamento à luz da resiliência que demonstrou que os fatores de resiliência melhoram o enfrentamento, mas não isenta o sujeito dos danos. Essa visão aponta para a importância da temática, para minimização de perdas e ampliação das oportunidades para aprender matemática.

PALAVRAS-CHAVE: Dificuldades de Aprendizagem em Matemática; Enfrentamento; Resiliência.

REFERÊNCIAS

CARMO, J. S; SIMIONATO, A. M. Reversão de ansiedade à matemática: alguns dados da literatura. **Psicol. estud.**, Jun 2012, vol.17, no.2, p.317-327. ISSN 1413-7372.



CYRULNIK, B. **Os patinhos feios**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

INFANTE, F. A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente. In: **Resiliência: Descobrimo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005. p. 23–28.

MAZER, S. M.; BELLO, A. C. D.; BAZON, M. R. Dificuldades de aprendizagem: revisão de literatura sobre os fatores de risco associados. **Psicologia da Educação**, n. 28, p. 7–21. São Paulo, 2009.

MOURAO JUNIOR, C. A.; MELO, L. B. R. Integração de três conceitos: função executiva, memória de trabalho e aprendizado. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 27, n. 3, p. 309-314, Sept. 2011. Acesso em 19 de janeiro de 2019.

POLETO, M.; KOLLER, S. H. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 25, n. 3, p. 405–416, set. 2008.

RUTTER, M. Resilience in the face of adversity: protective factors and resistance to psychiatric disorder. **British Journal of Psychiatric**, p. 598–611, 1985.

UTSUMI, M. C.; LIMA, R. C. P. (2008). Um estudo sobre as atitudes de alunas de pedagogia em relação à matemática. **Educação Matemática em Revista**, 24(13), 46-54.

WERNER, E. E. Risk, resilience, and recovery: Perspectives from the Kauai Longitudinal Study. **Development and Psychopathology**, v. 5, n. 04, p. 503, set. 1993.